

Carlos Clara Gomes

11 de Setembro de 2012 13:10

«Viseu: Carlos Clara Gomes em "viagem" pela geração do 25 de Abril com as "crónicas do inverno"»



Viseu, Portugal 11/09/2012 11:48 (LUSA)

Temas: Artes, Cultura e Entretenimento, Música

Viseu, 11 set (Lusa) - O cantor e compositor Carlos Clara Gomes, de Viseu, autor de obras como "Ópera do Bandoleiro" ou "Auto da Fonte dos Amores", tem em "crónicas do inverno" o seu mais recente trabalho, criado para ser "intimista".

Nestas crónicas, Carlos Clara Gomes, 54 anos, há 41 nos palcos, faz uma viagem pela sua geração, que a 25 de Abril de 1974 andava pelos 15 anos e viu os seus "medos transformados em sonhos".

O trabalho "crónicas do inverno" é um monólogo para "acontecer em locais intimistas" - com texto e encenação de Carlos Clara Gomes e ilustração musical de André Cardoso -, onde o autor se desloca no tempo em busca de "sentires recolhidos, quantas vezes, em mesas de café".

Há uma dimensão política que trespassa todas as crónicas deste "inverno", cujo palco essencial é a "cidade pequena" que era Viseu pela época que define como "antro de aristocratas em bancarrota e de novos ricos espampanantes, ciosos de seus fatos à medida".

Na crónica "um deus pouco cristão" - uma das 33 que fazem as "crónicas do inverno" -, Clara Gomes escreve: "esperava o futuro sem a coragem de ir para a paragem do autocarro que ficava mesmo em frente à varanda de pedra daquela casa que agora está

no passado. e o autocarro passava. atrasado, mas passava. perguntava-me vezes sem conta se alguma daquelas suas carreiras iria para o futuro".

O autor define estas crónicas como "um conjunto de sentires de uma geração claramente marcada pelo 25 de Abril de 1974" que, embora contados na primeira pessoa do singular, tem nelas "vertido muito do apreendido, vivido, recolhido em conversas de café com aqueles que partilharam estes tempos".

O autor frisa que, apesar de estas crónicas terem incorporada "uma visão de um homem de esquerda", são também uma forma de "chegar aos outros que o não são, porque todos viveram estes tempos na mesma geração".

As "crónicas do inverno" vão andar pelo país "em locais que permitam intimidade" e já têm agendada uma deslocação à Galiza, Espanha.»

Ricardo Bordalo

Lusa/fim

Das Crónicas do inverno, de Carlos Clara Gomes

por Martim de Gouveia e Sousa

Este espetáculo pôde ser visto há dias, no Lampião Bar, em estreia absoluta. E muito ganharam todas as pessoas que encheram o lugar nesse dia 28 de junho. O antes, o durante e o depois permitem a conclusão óbvia de estarmos perante uma apresentação de nós, do nosso íntimo, dos nossos vícios e dos nossos anseios. Um tanto no sentido vergiliano, este direto e órfico canto traz-nos o alarme de nós. E tal só pode ser muito.



Mas recuemos um pouco e atentemos no poder sugestivo da intitulação, desse dispositivo semiótico que é uma marca, como o defende Leo H. Hoek¹.

E, de facto, a obra começa aí, no seu poder transbordante, inferencial e comunicativo, nessa sintaxe titular que diz o tempo não de um particular inverno mas de todos os invernos, de todos os espelhos embaciados, de todos os sofrimentos e clausuras que o homem sofre até que entreveja a breve primavera, muitas vezes tardia, através da coragem e da assunção do que se é. Feito homem novo, há de o humano espriar-se num tempo solar, num “futuro sem invernos”.

Mordaz relativamente às ilusões e desilusões, seco e ressumante, direto e alusivo, assertivo e emotivo, memorial e hodierno, épico e lírico, emocionante e emocionado, o trabalho combinatório de Carlos Clara Gomes e André Cardoso (que acompanha musicalmente e não só) resulta num fresco que, de *intro* a coda, a todos convoca e implica. Não quero ainda deixar de fazer notar o

¹ Cf. Leo H. Hoek, *La marque du titre. Dispositifs sémiotiques d'une pratique textuelle*, La Haye – Paris – New York, 1980.

caráter adaptativo do texto à circunstância viseense, sem que isso implique menos universalidade ou menor irradiação.

Fundente, a labareda textual esfacela a memória, mostra o rigor dos invernos, todo o carácter deceptivo disso, o cinéreo das castrações e dos silêncios, a aviltação e o medo, a escassez do adolecer assim, vigiadamente. Desvela ainda essa breve primavera da revolução de abril, logo derramada. Desenha, por último, a devastação do presente, este tempo da peste em que nos encontramos, despejados que estamos da democracia. Perto, libertador, resta o caminho da sinceridade.

Não sei se terei dito ao autor do fulgurante trabalho – e se o disse, repito-o -, que descortino nesta viagem sobre o homem uma ligação com uma obra de Italo Calvino de título *Se numa noite de inverno um viajante*. Não desvelo, transformo.



Para ti, leitor, espetador:

“Estás para começar a ouvir e ver o novo espetáculo *Crónicas do Inverno* de Carlos Clara Gomes. Descontrai-te. Recolhe-te. Afasta de ti todos os outros pensamentos. Deixa esfumar-se no indistinto o mundo que te rodeia. A porta é melhor fechá-la; lá dentro a televisão está sempre acesa. Não, não quero ver televisão. Estou a

ouvir! Não quero que me incomodem! Estou a começar de assistir ao novo espetáculo da Companhia DeMente.”

Poderíamos nós desejar mais?